


DESAFIOS DOCENTES NO CONTEXTO (POST) PANDÊMICO. O COLÉGIO DE APLICAÇÃO DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UFPB COMO ORGANIZAÇÃO APRENDENTE

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-007>

Data de submissão: 30/10/2024

Data de publicação: 30/11/2024

Alexsandra Carvalho de Sousa

Doutora em Cooperación al Desarrollo- Univeristat de València

Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4840-080X>

E-mail: alemelcarv@gmail.com

Ana Lúcia do Nascimento Pereira

Doutora em Geografia

Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5115-6702>

E-mail: analucianp@yahoo.com.br

Cynthia Tribuzi Pereira de Mello

Mestra em Gestão nas Organizações Aprendentes

Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5125-4268>

E-mail: cc.tribuzy@gmail.com

Ediane Toscano Galdino de Carvalho

Doutora em Ciência da Informação- UFPE

Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7594-6103>

E-mail: tgcediane@gmail.com

Fabírcia Sousa Montenegro

Doutora em Educação- Univeristat de València

Universidade Federal da Paraíba

OCID: <https://orcid.org/0000-0002-8979-3398>

E-mail: fabriciamontenegro@yahoo.com.br

Fernanda Mendes Cabral

Doutora em Educação

Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7086-2541>

E-mail: fernanda.mendes2@academico.ufpb.br

RESUMO

Nesta pesquisa se analisou os desafios e oportunidades da prática docente no contexto do pós-pandemia, no âmbito do Colégio de Aplicação de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba, nordeste do Brasil. Tratou-se de um estudo de natureza qualitativa, que reforça o papel da escola como organização aprendente, capaz de revisar e mudar condutas, processos e funções, aprendendo da

própria experiência, em diálogo constante com outras áreas de conhecimentos. Através de entrevistas semiestruturadas, pretendeu-se conhecer as diferentes estratégias pedagógicas utilizadas pelos docentes do Colégio de Aplicação na condução das aulas síncronas e assíncronas durante a pandemia e no retorno às aulas presenciais; apresentar e refletir sobre os limites da virtualidade como modelo escolar nos anos iniciais da educação básica. Na análise dos dados e interpretação dos resultados, utilizou-se categorias embasadas em estudos e pesquisas Ibero-americanas, em que foram analisadas as ferramentas de comunicação; conteúdos e materiais; controle e acompanhamento; gestão e planejamento do processo de ensino-aprendizagem do ensino remoto e no contexto pós-pandêmico, que culminou no direcionamento de estratégias inovadoras considerando o grande desafio de assegurar uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, em consonância com os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável.

Palavras-chave: Organização Aprendiz, Desafios Docentes, Post-Pandemia, Educação de Qualidade.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia eclodiu de forma intempestiva e nos “submergiu” em um mundo de isolamento e questões vitais. As perguntas que surgiram e as visões sobre o que acontecerá depois que o vírus for controlado são diversas e contraditórias. No campo da educação, um dos efeitos colaterais da crise sanitária está sendo o impacto sobre o direito à educação, o que nos leva a questionar sobre como garanti-lo e a refletir sobre os desafios docentes em tempos de pandemia/pós-pandemia no cenário brasileiro (SOUSA, MELLO e CARVALHO, 2022).

Em 17 de março de 2020, mediante a publicação da Portaria Nº 343 do Ministério da Educação do Brasil (BRASIL, 2020), determinou-se a substituição de aulas presenciais por aulas remotas, viabilizadas por meios digitais, enquanto durasse a situação de pandemia. Seguindo as orientações do Conselho Nacional de Educação, corpo docente, equipe técnico-pedagógica e coordenação escolar desenvolveram, enviaram e supervisionaram a execução de diversos recursos didáticos, guias de orientações e almanaques para os alunos/as da educação infantil e ensino fundamental, embora em um contexto de improvisação e pouca formação para contemplar as necessidades educacionais de alunos/as em vulnerabilidade social (SANTOS, 2020; SOUZA, 2020).

Este novo e inusitado cenário suscitou inúmeros questionamentos, nos levando à reflexão acerca do papel da escola na análise e na compreensão dos desafios docentes durante e depois da pandemia, tais como: como se conduzirão os processos de ensino-aprendizagem pela escola no pós-pandemia? Como a escola, organização aprendente e território que proporciona ocasiões de aprendizagens e aperfeiçoamentos, deve pensar a gestão pedagógica do ensino remoto no contexto pandêmico? E como conduzirá as inovações que precisarão ocorrer na prática educativa no pós-pandemia? (FULLAN e HARGREAVES, 2000; LIBÂNEO, OLIVEIRA e THOSCHI, 2012; MONDILANE e LIASSE, 2017).

Ademais destas questões, a vivência no território da escola básica suscita inquietudes que vão desde a preparação das instituições educativas e dos docentes em desenvolver programas virtuais, tais como a criação de programas e sistemas de avaliação em contextos virtuais, à forma como a escola deverá conduzir os processos educativos para garantir condições de igualdade de aprendizagens em situações de calamidade pública. Talvez esta última seja a mais desafiadora em situações de isolamento social/escolar (TRUJILLO *et al.*, 2020).

As mudanças na forma de enxergar o papel da escola, e sua legitimidade, dá lugar a questões como: a escola é capaz de construir novas abordagens que contemplem os desafios da educação no pós-pandemia? A organização escolar conta com recursos para encarar um processo coletivo em que

docentes, equipe técnico-pedagógica e gestão escolar possam criar metodologias inovadoras? Além de ensinar, o que a escola é capaz de aprender?

Nesse sentido, esta pesquisa vem reforçar o papel da escola como organização aprendente, capaz de revisar e mudar condutas, processos e funções. Uma organização que aprende deve ser experta em criar, adquirir e transmitir conhecimentos, e em modificar sua conduta para adaptar-se a projetos inovadores, a aprender (SENGE, 1992; GARVIN, 2000). Os desafios impostos às instituições educativas que o contexto de isolamento social fez emergir devem ser analisados e compreendidos de forma racional e sistemática, valorizando a experimentação, sendo capaz de transferir conhecimentos e memória crítica.

A premissa deve ser aprender da própria experiência, em diálogo constante com outras áreas de conhecimentos, assumindo os desafios e erros como uma parte consubstancial à aprendizagem, de modo a construir uma visão compartilhada das dificuldades, possibilidades, ameaças e fortalezas da prática docente, que permitirão modificar o funcionamento organizacional da escola e antecipar cenários futuros fortalecidos. Este é legado da escola como organização que aprende (LIMA, 2011; SAVIANI e GALVÃO, 2021).

Por isso, o objetivo desta pesquisa foi analisar os desafios e oportunidades da prática docente no contexto pós-pandêmico, no âmbito do Colégio de Aplicação de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba (Cap/EBAS/UFPB em diante), nordeste do Brasil. Ademais, pretendeu suscitar diálogos, reflexões e estudos científicos sobre a escola como território aprendente, que promove a igualdade de oportunidades e onde se desenvolve a educação omnilateral (TONUCCI, 2020; MELLO e FARIAS, 2010), assim como as potencialidades das tecnologias digitais aplicadas à educação, no caminho de fomentar com qualidade a Aprendizagem por B-Learning (BARTOLOMÉ, GARCÍA-RUIZ e AGUADED, 2018; GARCÍA-PENALVO *et al.*, 2020).

2 METODOLOGIA

2.1 ABORDAGEM, PARTICIPANTES E INSTRUMENTOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa (DENZIN e LINCOLN, 2012; SAMPIERI, COLLADO e BAPTISTA-LUCIO, 2015), centrada, principalmente, na interpretação de 21 docentes que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental do Cap/EBAS/UFPB, de um universo de 28 docentes em efetivo exercício, sobre os desafios docentes no contexto pós-pandemia, entendendo que o comportamento dos sujeitos implicados e da situação (contexto) se vinculam intimamente na formação da experiência.

Para tanto, optou-se por realizar pesquisa bibliográfica, analisando publicações recentes em plataformas de revistas indexadas e repositórios nacionais e internacionais, aliada à técnica de entrevistas semiestruturadas, ferramentas propícias à análise, compreensão e descrição “do que ali ocorre”, tanto de forma explícita, como de forma implícita (ANGROSINO, 2012).

2.2 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados coletados durante a aplicação das entrevistas semiestruturadas, optou-se pela técnica de análise de conteúdo, fundamentada em Krippendorff (1997; 2004), técnica que possibilitou a organização, seleção e análise minuciosa do conteúdo das entrevistas semiestruturadas, na atribuição de categorias de análise e inferências (processo intelectual segundo o qual é possível chegar a uma conclusão a partir de premissas, proposições e informações recopiladas de forma sistemática), que nos permitiram ir mais além do conteúdo explícito e implícito das transcrições.

Na atribuição das categorias de análises, foram considerados elementos textuais indicados na obra coordenada por Fardoun *et al.* (2020), com o objetivo de analisar, compreender e descrever as diferentes estratégias pedagógicas utilizadas pelos docentes do CAP/EBAS/UFPB, na condução das aulas síncronas e assíncronas, assim como também, identificar as fortalezas e as fragilidades do processo de implementação de modelos de ensino para o período pós-pandêmico, considerando os processos de aprendizagens nesta organização aprendente. Foram delimitadas 04 (quatro) categorias de análise:

- **Categoria 1- Ferramentas de comunicação:** plataformas tecnológicas utilizadas para poder dar suporte aos processos de ensino-aprendizagem; organização dos espaços de trabalho compartilhado que permita que a atividade docente seja realizada de forma apropriada; recursos tecnológicos adequados que permitam uma correta interação professor/a e aluno/a.
- **Categoria 2- Conteúdos e materiais:** Todo material didático-pedagógico elaborado pelos docentes: Manual brincadeiras e jogos, almanaques, vídeos, gravações e apresentações.
- **Categoria 3- Controle e acompanhamento:** planejamento que permita especificar a forma de retroalimentação do trabalho realizado com os estudantes (feedback das famílias e das próprias crianças) e mecanismos de avaliação e seguimento das atividades desenvolvidas.
- **Categoria 4- Gestão e planejamento:** estratégias de organização do planejamento docente e ações desenvolvidas pela equipe técnico-pedagógica; administração dos recursos humanos, materiais e financeiros para atender às necessidades da organização escolar.

Com a delimitação das categorias de análise desta pesquisa, foi possível construir um roteiro de entrevista semiestruturada atento às diferentes situações vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa, de modo a obter informações que pudessem responder às questões de pesquisa e atender aos objetivos propostos. Além disso, possibilitou um processo cuidadoso de análise de todas as informações coletadas para uma melhor compreensão, descrição e interpretação dos dados.

Para cada categoria de análise, destinamos questões norteadoras, com o intuito de conhecer e descrever todo o processo de ensino-aprendizagem no período de ensino remoto e os desafios docentes enfrentados, bem como as lições aprendidas neste processo a serem aplicadas depois da pandemia.

Em relação às unidades de registro (KRIPPENDORFF, 2004), trazemos as transcrições literais das falas mais destacadas dos sujeitos da pesquisa, relacionadas diretamente à cada categoria de análise. As entrevistas foram realizadas no final do semestre letivo 2022.2 e início de 2023.1, especificamente, entre novembro de 2022 e maio de 2023.

3 RESULTADOS

Analisar dados qualitativos é um processo difícil e minucioso. Extrair significados e conclusões de dados não estruturados e heterogêneos, que não se apresentam de forma numérica ou quantificável, é uma tarefa que requer maturidade e criticidade. Para tanto, tivemos em consideração as abordagens metodológicas de Angrosino (2012); Denzin; Lincoln (2012); Sampieri; Collado; Baptista-Lucio (2015); Krippendorff (1997; 2004) e Fardoun *et al.* (2020), os quais convergem em suas obras que tudo o que compõe o objeto de análises tem significado e que “nada é vulgar”. Estes autores consideram que todos os dados coletados na pesquisa têm suas potencialidades e nos oferecem “rastros” que permitem uma compreensão mais convincente de nosso objeto de estudo.

Para isso, apresentamos os resultados das entrevistas em quadros organizadas por categorias de análise (ferramentas de comunicação; conteúdos e materiais; controle e acompanhamento; gestão e planejamento); questões norteadoras das entrevistas e unidades de registro, em consonância com o procedimento de análise de conteúdo apresentado por Krippendorff (2004).

Para cada categoria de análise, destinamos questões norteadoras, com o intuito de conhecer e descrever todo o processo de ensino-aprendizagem no período de ensino remoto no âmbito da EEBAS/UFPB e os desafios docentes enfrentados. Em relação às unidades de registro, trazemos as transcrições literais das falas mais destacadas dos sujeitos da pesquisa, relacionadas diretamente à cada categoria de análise. Como já mencionado, as entrevistas foram realizadas no final do semestre letivo 2022.2 e início de 2023.1, especificamente, entre novembro de 2022 e maio de 2023, com 10 (dez) docentes em efetivo exercício no Colégio de Aplicação da UFPB, de um universo de 15 docentes.

Também participaram das entrevistas 01 (uma) pedagoga e 01 (uma) coordenadora da escola. Ressaltamos que todos estes sujeitos da pesquisa estiveram envolvidos de forma ativa, direta ou indiretamente, na condução das aulas remotas, planejamento, controle e execução de atividades e gerenciamento das plataformas virtuais de aprendizagem.

3.1 RESULTADOS DA CATEGORIA “FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO”

Participaram desse momento da pesquisa 12 sujeitos, que foram identificados com letras do Alfabeto (de A - L), garantindo o direito ao anonimato de todos entrevistados. Na Tabela 1, apresenta-se as transcrições literais dos registros mais relevantes da entrevista, relacionados à categoria de análise “Ferramentas de Comunicação”.

Tabela 1: Principais resultados da categoria de análise “Ferramentas de Comunicação”

CATEGORIA I- FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO		
QUESTÕES NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS		
- Que plataformas tecnológicas foram utilizadas para apoiar o processo de ensino-aprendizagem em tempos de pandemia? E no pós-pandemia?	- Como se deu o gerenciamento, formação e uso das plataformas virtuais de aprendizagem?	- Que dificuldades enfrentaram no uso dessas ferramentas? E as crianças?
UNIDADES DE REGISTROS		
<p>A: “O <i>WhatsApp</i> para conversar entre os pares, comunicação maior com as famílias; encontros via <i>Meet</i> para produzir o material; Guia de Orientação para as Famílias [...] Depois conhecemos o <i>Canvas</i>, que foi aperfeiçoando todo esse material. Também produzimos Catálogos e os <i>Almanques</i> para a Educação Infantil”. Estas plataformas são maravilhosas e conseguimos licença da universidade para utilização de plataformas vinculadas ao <i>Gmail</i> acadêmico, como <i>Padlet</i>, <i>Canvas</i> e <i>Google Classroom</i>.</p> <p>C: “Primeiro, tive o movimento de entender o que estava acontecendo como a escola pública e a dificuldade de ter acesso às ferramentas tecnológicas. Acho que isso é que fez com que a gente pensasse em elaborar, de imediato, os Guias de Orientações às Famílias e depois o uso do <i>Google Classroom</i>, com sala virtual e outras aplicações inovadoras de ensino. Aprendi</p>	<p>B: “A própria universidade acabou disponibilizando através do <i>SIGAA</i> e <i>SIGRH</i> de gestão de pessoas. Com as tecnologias, tinha outros cursos, alguns não exatamente oferecidos pela universidade [...] As instruções sobre o uso administrativo das plataformas, que até então muitas delas se desconhecia, representou um momento muito significativo para ampliar a qualidade do processo de aprendizagem”.</p> <p>C: “A universidade propôs formação pelo sistema e teve a formação pelos professores autodidatas; tivemos também o compartilhamento de muitas informações pela equipe técnica como de professores também. No campo da política que, foi o não apoio da universidade, nenhum recurso da universidade em relação a: equipamentos; ferramentas; não teve chips para as crianças, não teve celular, não teve internet [...] isso são políticas públicas nacionais, a escola pública não teve acesso a isso”.</p>	<p>B: “Em relação às crianças, de certa forma um pouco das famílias no geral nas reuniões, o uso do microfone, qual era o botão, se estava no celular ou no computador, questões atitudinais [...] As crianças quando se vê ali na câmera, e ela tem algum tipo de bloqueio. Não tinha a mesma qualidade do presencial. Às vezes por questões tecnológicas a gente não sabia quem realmente estava do outro lado da câmera”.</p> <p>A: “A maior dificuldade foi o que a própria ferramenta limita para a criança. A gente precisou seguir junto com essa dificuldade. Utilizar o <i>Meet</i> enquanto ferramenta de comunicação direta com as crianças, e o uso da fala acaba sendo limitada, as interações foram limitadas; as brincadeiras foram limitadas, mas ao mesmo tempo, diante desses tantos limites, eles foram possíveis. A maior dificuldade de todas, foi não ofertar a todas as crianças o acesso, sendo limitado. Então, o ponto mais problemático foi esse, porque algumas crianças sim ficaram para trás”.</p> <p>D: “Nem todas as crianças tinham acesso ao computador, nem ao telefone, nem um</p>

<p>usar o Wordwall e o Kahoot para trabalhar com jogos educativos.</p> <p>D: “Usamos <i>WhatsApp</i>, usamos <i>Google Meet</i> para as aulas síncronas e assíncronas com os alunos. Nem todos tinham condições de usar essa plataforma, porque não tinha um chip de Telefone. A gente mandava atividades através de papel, digitada, e os pais adquiriam na escola a atividade”.</p> <p>F: “Utilizamos o <i>Google Meet</i> para as aulas síncronas e nas aulas assíncronas, utilizamos el <i>WhatsApp</i> para passar as orientações das atividades, links dos jogos. A pandemia veio nos “forçar” a inovar o ensino e ampliar nosso “arsenal” de jogos e materiais didáticos.</p> <p>K: “Sala de aula invertida (Fleep Classroom), e utilizei também vídeos de <i>Youtube</i>, <i>WhatsApp</i>, e o <i>Google Meet</i>”.</p>	<p>A: O trabalho coletivo de exploração das plataformas, de partilha desse conhecimento, algo que a priori parecia não tão institucional, mas que foi muito importante no nosso processo formativo e passou a ser mais sistematizado inclusive com encontros via <i>Meet</i>, pra gente partilhar os caminhos que cada um estava construindo, o acesso que tinha cada plataforma, o conhecimento que tinha, inclusive de agrupamento entre pares de profissionais. Isso é um aspecto que foi bastante positivo que fortaleceu também o trabalho pedagógico no período remoto, isso é fato. Tudo o que foi disponibilizado pela instituição precisou ser readaptado para o trabalho com as crianças. A gente teve que usar outras plataformas para tornar a produção desses materiais. As famílias que não são formadas pedagogicamente para isso, tiveram que realizar mediações pedagógicas junto com as crianças, então foi uma dimensão muito maior e todas as ferramentas foram usadas de alguma forma”.</p> <p>D: “O <i>Google Meet</i>, <i>WhatsApp</i> eles eram utilizados pelos alunos não todos como já disse, aqueles alunos iam lá pegava as atividades e a gente corrigia a atividade, e na próxima aula virtual, a gente discutia a questão e fazia uma avaliação de aprendizagem. Houve formações e era tudo virtual, através do <i>Google Meet</i>, muitas <i>lives</i>. Para a gente foi mais fácil, pois todo mundo tinha seu computador; aprendemos a utilizar algumas ferramentas que a gente não conhecia como o <i>Google Meet</i>, <i>Google Forms</i> e outras plataformas. A gente usou também muitos vídeos, os vídeos no <i>Google Meet</i>, as crianças adoravam quando a gente botava um vídeo da matéria na aula seguinte eles já traziam o feedback daquele conteúdo”.</p>	<p>chip. Crianças carentes usavam o telefone dos pais, e os pais às vezes saíam e levavam o telefone e a criança ficava sem esse acesso. A gente não conseguia de alguma forma que fosse um trabalho efetivo, 100%”.</p> <p>E: “Gostaria de pontuar os desafios em que foi migrar de atividades presenciais, pra atividades remotas [...] utilizar ferramentas como computadores, <i>smartphones</i>, com dados móveis que pudessem se comunicar com essas famílias, então foi um desafio muito grande, para os professores, mais para as famílias também que precisavam é fazer plano de internet, comprar celular, adaptar os espaços de suas casas. A parte mais desafiadora foi que muitas crianças de forma simultânea assistiam aulas e dividiam o celular; outras tinham plano de internet que não se conectava direito, ficava caindo constantemente; alguns casos elas nem abriam as câmeras, então a gente dava aula e era muito esquisito, não conseguia visualizar, quem estava por trás daquela carinha ou daquele quadradinho. O livro didático que foi umas das formas que eu consegui encontrar para dar continuidade ao processo de aprendizagem. Confesso que a as metodologias ativas e as aulas remotas, apesar de ser uma grande alternativa no mundo em que nós a vivemos, ainda tem certas limitações, porque precisa de toda uma adaptação”.</p> <p>K: “Uma das minhas maiores dificuldades foi ministrar aulas de Matemática, uma matéria que requer prática, e a gente tem que fazer o exercício da repetição, explicar direitinho. O uso quadro branco fez muita falta. Pegava o celular, invertia a câmera do celular; fazia o exercício, mostrando a eles como era, principalmente divisão que era muito difícil remotamente, e eles iam vendo meu movimento com a câmera do celular, eles viam somente minha mão e o celular. Existe um atraso de dois anos no sentido dos conteúdos necessários para cada nível [...]”.</p>
---	---	--

Fonte: Elaboração própria (2024).

3.2 RESULTADOS DA CATEGORIA “CONTEÚDOS E MATERIAIS”

Tabela 2: Principais resultados da categoria de análise “Conteúdos e Materiais”

CATEGORIA II- CONTEÚDOS E MATERIAIS		
QUESTÕES NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS		
- Quais as estratégias pedagógicas foram utilizadas nas aulas síncronas e assíncronas nas aulas remotas de 2020 e 2021?	- Que materiais didáticos elaborados pela equipe no ensino remoto foram enviados/recebidos pelas famílias envolvidas nesse processo?	- Em relação às aulas síncronas, que metodologia foram usadas durante as aulas?
UNIDADES DE REGISTROS		
<p>C: “Revisar e estudar, além de nomenclaturas como síncronas e assíncronas, que a gente não sabia o que era isso. A gente não sabia o que era remoto, virtual, EAD, que ensino remoto não era a mesma coisa. Tivemos que aprender juntos com tudo isso. Eu gosto muito da expressão “trocar o pneu do carro”. A gente fez literalmente isso. No campo da analogia, a gente estava aprendendo e fazendo e não podia ficar para trás. Então, além das próprias tensões que são comuns em qualquer instituição educativa, metodologicamente, também houve uma crise de identidade. Em alguns momentos, se reconfigurar como escola, entender o que é isso: Tivemos embates na metodologia, é essa minha leitura. Esse foi um dos conflitos”.</p> <p>A: “Tanto no trabalho assíncrono como no síncrono, pra depois chegar no presencial, foram produzidos muitos materiais pedagógicos pensando realmente no lugar dessa criança e pensando também no lugar dessa família [...] As famílias também avaliaram o trabalho na pandemia como bastante positivo, considerando esse contexto, mas no geral, como já foi dito, com o limite de não chegar a todos. Mas é fato que a gente entrou também numa crise identitária intensa e a nossa proposta pedagógica também está em processo de atualização, e mais ainda com desafios da pandemia que a gente precisou do enfrentamento, muito desafiador e ao mesmo tempo. Foi um processo formativo e de interação, que nos desafia no pós-pandemia, de recomeçar com esse desafio movido lá na pandemia”.</p>	<p>A: “A cada três meses a gente fazia uma avaliação do uso daquele material: “Os Guias de Vivências em tempos de Pandemia”, depois a gente fez por mais três vezes os Almanques para a Educação Infantil. Nós fizemos mais alguns catálogos dentro de uns dois meses, que tratava de brincadeiras e teve outros catálogos. Havia outros materiais também, de outras instituições e departamentos, que também, no âmbito da própria universidade, a gente também utilizava como um recurso de orientação às famílias. Teve outras plataformas também em que a gente disponibilizava literatura, vídeos, dentro do próprio <i>Google Classroom</i>, uma ferramenta muito importante para documentar tudo aquilo que era disponibilizado às famílias, mas a ferramenta que foi mais utilizada da correspondência maior com a família foi o <i>WhatsApp</i>”.</p> <p>D: “O livro didático com conteúdo digital. Como eu disse, momentos síncronos a gente dava aula e no momento assíncrono, gravava para quem não esteve presente assistir, gravava o vídeo explicativo pra poder dar suporte pra eles fazerem as atividades no fundamental”.</p> <p>C: “Os Guias de Orientação às famílias, que faz parte do processo metodológico categorizar as brincadeiras e transformar isso tudo em algumas atividades, que foram entregues impressas aos professores, especificamente do Fundamental para trabalhar junto com os livros didáticos, pelo fato de a gente ter entendido que era uma maneira de assegurar que todas as crianças tivessem acesso ao</p>	<p>D: “Nas aulas síncronas a metodologia utilizada foi a metodologia da redescoberta. Uma metodologia em que as crianças trabalhavam, vamos dizer com projetos, e a gente foi levando dessa forma. Para descobrir na criança o pequeno cientista. Aguçar os sentidos e ver como a criança tem interesse nessa questão da ciência. O que a gente quer do cidadão do futuro? Não só na escola, como em casa, como em seu entorno”.</p> <p>E: “Utilizei o recurso do livro didático, como umas das formas que eu consegui encontrar, para dar continuidade ao processo ensino-aprendizagem. Adaptava as atividades das plataformas e a partir dessas atividades, eles acompanhavam os livros, então dava por exemplo as orientações como a gente ia fazendo, especificamente, a questão da parte de alfabetização e a partir daí a gente começava fazer esse diálogo, mas com limitações. Confesso que as metodologias ativas e as aulas remotas, apesar de ser uma grande alternativa no mundo em que nós vivemos; ela ainda tem, umas certas limitações”.</p> <p>I: “A gente utilizou o livro didático no fundamental e conteúdo digital. Como já disse, em momentos síncronos a gente dava aula on-line e no momento assíncrono gravava pra quem não estava presente assistir e também quando a gente não dava atividade assíncrona, gravava o vídeo explicativo pra poder dar suporte pra eles fazerem as atividades”.</p> <p>F: “Uma ferramenta didática bem utilizada foi o Formulário do <i>Google Docs</i>, principalmente para avaliação. Em aulas assíncronas eu enviava esse</p>

<p>G: “O livro didático foi uma delas, a gente precisava ter pra dar um norte, e, a gente sabia que as crianças tinham em casa. Então auxiliou bastante”.</p> <p>D: “Então... trabalhamos processo com a investigação temática, em que as crianças escolhiam os temas pra investigar, e a partir daí a gente ia colocando neste tema de forma interdisciplinar os conteúdos curriculares, entendendo como processo significativo, pra tornar papéis mais significativos, embora com todos os desafios. Os recursos tecnológicos e o livro didático foram os recursos que a gente utilizou. A questão das atividades, elas eram produzidas junto com as famílias, direcionadas pelo professor. Essas atividades eram acompanhadas em casa pelas famílias, que davam retorno pela plataforma com fotos ou então via pelo WhatsApp, para quem não conseguia acessar a internet”.</p> <p>E: “Em relação aos conteúdos de ensino, eu segui os que estavam programados no livro didático [...] era o que tinha disponível para as crianças naquele momento para elas acompanharem. Eu fazia uma adaptação desses conteúdos. Em relação aos recursos, aí sim os recursos foram as plataformas, <i>Google Classroom</i>, <i>Meet</i>, <i>WhatsApp</i>, eram três plataformas que precisavam estar presentes em todas as aulas. As estratégias aí sim que permaneceu a aula dialogada, que é a metodologia que a gente utiliza; tive que fazer uma adaptação da lousa digital, porque na aula presencial a gente tem a lousa fixa, mas na internet é diferente, e essa informação verbal ela não se consolida, então utilizei algumas lousas digitais em que eu escrevia e era projetado para o aluno. Então, essa foi a principal estratégia de ensino”.</p> <p>F: “Na aula assíncrona era dia de gravar vídeos explicando conteúdos, pegava o livro, com determinado conteúdo, gravava um breve vídeo explicando o que era e colocava no grupo do <i>WhatsApp</i>, explicando como tentar resolver. Quando</p>	<p>material, porque nem todas tinham facilidade de vir buscar o material impresso ou uma atividade, enquanto gestão fazendo informes junto aos professores, a sala virtual favoreceu um pouco às famílias a terem acesso a essas materiais que foram postadas [...]”.</p> <p>B: “Usava mais de vídeos e postava lá; tinham umas datas certas de postar vídeos e postavam lá. Outros ia de acordo com o movimento e dentro dessas comunicações também ocorridas no <i>WhatsApp</i>. Então a gente viu algumas diversificações, principalmente considerando crianças com deficiência, algumas crianças que tinham algumas peculiaridades na parte da leitura e aí tinha alguns com material complementar, então às vezes o professor organizava isso e deixava na escola e fazia o combinado, instrução paralela que dependia do perfil daquela turma. Enquanto equipe técnica a gente também organizou material na verdade direcionada à educação emocional positiva, momento síncrono sabe, mas era síncrono porque era no <i>WhatsApp</i>, no remoto muitos pais que eu nem sabia que estavam acessando esse conteúdo, fazendo menção a esse material”.</p> <p>G: “Semanalmente tinha um cronograma com um link, e alguns vídeos referentes a, por exemplo, disciplina de História e Geografia, juntamente com livro que já tinha o número da página, as tarefas todas para serem feitas. Era uma coisa que reforçava, e eu sabia que os pais davam a devolutiva”.</p> <p>K: “Caderno de atividades na escola, além do livro, dos projetos a gente deixava o caderno de atividade na escola”.</p> <p>E: “Em relação à material didático da turma, ela já tinha um projeto de leitura, eu apenas aperfeiçoei, aula com <i>Google Forms</i>, e aí eles entravam no final da aula e sempre faziam as associações de conceitos. Eu tentava dessa forma consolidar a interpretação deles e em seguida</p>	<p>formulário para que os alunos também pudessem acompanhar o conteúdo, resolvia as questões por lá, além do livro didático”.</p>
---	---	---

terminava, mandava fotos ou então era resolvido no início da próxima aula síncrona”.	<p>eles mandavam as fotos das respostas escritas nos cadernos ou então respondiam no formulário e chegava por <i>WhatsApp</i> as respostas deles”.</p> <p>F: “É importante pontuar que tinha muitos alunos que não tinha acesso às tecnologias, e também tinha os alunos que, nós deixávamos atividades na escola e os familiares recolhiam essas atividades e as faziam em casa e depois deixavam aqui na escola pra ser feita as devidas correções. Além dessas plataformas digitais, também tinha aluno que pegava material impresso, ou através do livro”.</p>	
--	--	--

Fonte: Por elaboração Própria (2024).

3.3 RESULTADOS DA CATEGORIA “GESTÃO E PLANEJAMENTO”

Tabela 3: Principais resultados da categoria de análise “Gestão e Planejamento”

CATEGORIA IV- GESTÃO E PLANEJAMENTO		
QUESTÕES NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS		
- Que materiais didáticos elaborados pela equipe no ensino remoto foram enviados/recebidos pelas famílias envolvidas nesse processo?	- O que mudará na práxis pedagógica no pós-pandemia?	- Quais os desafios da educação do futuro? Quais os limites e as possibilidades da virtualidade na educação?
UNIDADES DE REGISTROS		
<p>A: “A cada três meses a gente fazia uma avaliação do “Guia de Vivências em tempos de Pandemia”, depois a gente fez por mais três vezes os Almanques para a Educação Infantil. Nós fizemos mais alguns catálogos dentro de uns dois meses, que tratava de brincadeiras e teve outros catálogos. Havia outros materiais também, de outras instituições e departamentos, que também, no âmbito da própria universidade, a gente também utilizava como um recurso de orientação às famílias. Também disponibilizávamos vídeos no <i>Google Classroom</i> e outros materiais didáticos, uma ferramenta muito importante para documentar tudo aquilo que era disponibilizado às famílias, mas a ferramenta mais utilizada da correspondência maior com a família foi o <i>WhatsApp</i>”.</p> <p>D: “O livro didático com conteúdo digital. Como eu disse, momentos síncronos a gente dava aula e no momento assíncrono, gravava para quem não esteve presente assistir, gravava o vídeo explicativo para poder dar suporte</p>	<p>R: “A gente começa a enfrentar outros problemas, de outras dimensões, inclusive de impactos, que esse isolamento social causou na vida pedagógica da instituição. E aí a gente vem enfrentando problemas de naturezas diversas. Avaliamos com as famílias que os processos avaliativos precisavam ser re colocados em pauta, porque muitos indicadores de aprendizagem precisavam ser revistos e compreendidos considerando a dinâmica depois da pandemia. No pós-pandemia, as crianças de cinco anos chegaram com sérios problemas de dicção, significa que também as interações que essas crianças tiveram no período de pandemia foi bastante limitada. O setor social e o setor psicológico, precisam se unir para compreender melhor esse fenômeno e ainda estamos nesse processo, porque um ano só ainda é muito pouco para compreender que impacto essa pandemia trouxe</p>	<p>G: “A educação do futuro eu acho que é uma educação muito tecnológica, é um desafio muito grande tanto para crianças quanto pros seus pais, A criança, ela tá vendo no futuro aí na mídia sendo o fator preponderante. A escola tem que se modernizar de alguma forma, tem que acompanhar esses desafios tecnológicos. A gente não pode ficar nessa mesmice achando que o aluno, é aquele aluno livreco. Hoje a gente tem que ver que o aluno, que ele tem fora da escola, fora dos muros educacionais, ele tem muitas possibilidades de aprender também, pondo limites, logicamente. Quais os limites e as possibilidades da virtualidade na educação.? Eu acho que hoje esses desafios já estão acontecendo... É uma coisa, mas a longo prazo, mas já estão acontecendo. Esses limites e as possibilidades da virtualidade na questão da virtualidade na educação, o próprio Sistema Educacional, Ministério da</p>

<p>pra eles fazerem as atividades no fundamental”.</p> <p>C: “Os Guias de Orientação às famílias, que faz parte do processo metodológico categorizar as brincadeiras e transformar isso tudo em algumas atividades, que foram entregues impressas aos professores, especificamente do Ensino Fundamental para trabalhar junto com os livros didáticos, pelo fato de a gente ter entendido que era uma maneira de assegurar que todas as crianças tivessem acesso ao material, porque nem todas tinham facilidade de vir buscar o material impresso ou uma atividade, enquanto gestão fazendo informes junto aos professores, a sala virtual favoreceu um pouco às famílias a terem acesso a essas materiais que foram postadas [...]”.</p> <p>G: “Semanalmente tinha um cronograma com um link, e alguns vídeos referentes a, por exemplo, disciplina de História e Geografia, juntamente com livro que já tinha o número da página, as tarefas todas para serem feitas. Era uma coisa que reforçava, e eu sabia que os pais davam a devolutiva”.</p> <p>E: “Em relação à material didático da turma, ela já tinha um projeto de leitura, eu apenas aperfeiçoei, aula com <i>Google Forms</i>, e aí eles entravam no final da aula e sempre faziam as associações de conceitos. Eu tentava dessa forma consolidar a interpretação deles e em seguida eles mandavam as fotos das respostas escritas nos cadernos ou então respondiam no formulário e chegava por <i>WhatsApp</i> as respostas deles”.</p> <p>F: “É importante pontuar que tinha muitos alunos que não tinha acesso às tecnologias, e também tinha os alunos que, nós deixávamos atividades na escola e os familiares recolhiam essas atividades aqui na escola pra ser feita as devidas correções. Além dessas plataformas digitais, também tinha aluno que pegava material impresso, ou através do livro”.</p> <p>J: “Uma coisa que eu fiquei muito triste foi que nunca consegui botar um vídeo ou compartilhar os vídeos, nunca aprendi”.</p>	<p>para o cotidiano da ação pedagógica”.</p> <p>G: “Eu compreendo que na praxis pedagógica no pós-pandemia, há uma avaliação muito grande com a relação à deficiência que os alunos se encontram, já que uma média de 70% desse alunado ficou com algumas lacunas em relação a conteúdo. Então se faz uma avaliação, se procura um reforço para que o aluno se enquadre novamente naquela disciplina. E essa praxis é... ela se dá, mas fica, pendente de algumas situações. Esse novo, com essa nova vontade pedagógica com um currículo, mas apropriado, pra fechar tudo isso, uma unidade entre os professores, de forma interdisciplinar, trabalhando todo esse conteúdo, acho que essa questão pós pandemia. terá de melhorar, acho que vamos ter um ganho, mas na frente, mas é a longo prazo”.</p> <p>G: “Pós pandemia a gente tá retomando as atividades presenciais. Mas o ensino emergencial não deixou é uma visão de mundo de que nós estamos vivenciando e precisamos nos adaptar às tecnologias. O ensino emergencial antecipou um avanço das tecnologias que a gente iria se deparar com ele daqui a cinco anos, mas esse avanço deixou diversos aspectos positivos, como as possibilidades de aprendizagem e de acesso ao conhecimento. A gente precisa garantir a aprendizagem, mas sem abandonar os recursos tecnológicos e a tecnologia. Isso quer dizer que a gente precisa estar atento aos avanços da tecnologia pra manter nossas aulas cada vez mais focadas e com conteúdo que tenham, sentido para as crianças”.</p> <p>J: “Foi um amadurecimento tecnológico forçado, mas avançou, todo mundo avançou nesse sentido. É algo que eu vejo positivo é que de certa forma aproximou a gente um pouco mais das famílias, contato que nós</p>	<p>Educação, e suas unidades, elas têm que se adaptar a esse mundo tecnológico. É preciso que o professor tenha mecanismo para que possa ajudar essa criança a desenvolver esse senso crítico”.</p> <p>R: “Acho que primeiro limite é a própria ferramenta disponibiliza pra nós. Primeiro é o acesso, que a gente não chegou a todos da mesma forma; segundo e que mesmo esse acesso ele estando para alguns ele se dá de maneira diferenciada. Acho que outra questão de limite na ação do nosso trabalho é que ele dá conta até aqui, e esse até aqui que ele não dá conta, é onde a gente precisa buscar outras organizações, outras ferramentas. As tecnologias não é de hoje que a gente sente a importância e a necessidade dela, isso é fato; também não é de hoje que é um movimento nosso, democratizar o acesso às tecnologias para todos os profissionais, para que de fato a gente consiga utilizá-la de uma maneira pedagógica no trabalho, porque isso a gente não consegue fazer, e a gente não consegue fazer porque a gente não tem acesso aos recursos tecnológicos pra implementar um cartaz das tecnologias dentro da instituição”.</p> <p>G: “Nós vivemos em um sistema que se organiza de uma forma muito distinta e excludente. O principal desafio daqui para frente é garantir que todo conhecimento gerado da humanidade e os recursos estejam disponíveis a todos. Então, esse é o principal desafio porque as tecnologias digitais estão avançando, mas à medida que estão avançando elas estão excluindo um grande grupo, que são alunos de escolas públicas, de famílias pobres. Nós estamos caminhando, em um sistema, em que continua sendo excludente, apesar de termos mais possibilidades de acesso ao conhecimento. Esse é o grande desafio hoje quando se pensa numa escola, manter essa equalização para que a gente possa usufruir desses recursos. No entanto, os</p>
---	--	--

	<p>temos ainda via WhatsApp com as famílias ficou mais próximo. Uma herança negativa que eu vejo da pandemia, foi o ano de readaptação, e foi percebido as grandes lacunas que foi deixado no tempo remoto, entre elas muitas crianças que não podiam participar online. Um grande desafio, é de você minimamente tentar equilibrar, é esse, essa heterogeneidade que nunca foi tão grande então penso que isso foi uma herança que não foi tão, que não positiva.</p> <p>T: “Mas o grande desafio, é a gente tentar atualizar esse currículo, porque querendo ou não as crianças que entraram no primeiro ano, como foi o caso da minha turma atual, elas não tiveram educação infantil presencial por 2 anos. As crianças do terceiro pularam da educação infantil para o terceiro ano. Então, essa readaptação curricular requer um processo muito grande de planejamento, de organização, necessidade, de mesclar materiais, mesclar recursos, mesclar instrumentos, tentar construir um novo currículo pra escola, utilizando tanto esses recursos que a gente já utilizou durante a pandemia, quanto os recursos que a gente já estava acostumada a fazer. Então, há um grande centro de pesquisa, porque a gente tem que ensinar a criança e o jovem a ser pesquisador. Promover algo que seja coerente com aquele nível em que ele está e, algumas vezes, retroceder com aquele que tem mais dificuldade. Agora mais do que nunca a educação deve estar voltada para as questões individuais, partindo da realidade de cada estudante, isso vai exigir muito, mas do professor”.</p> <p>R: “Eu penso que esse será o olhar para as crianças, esse olhar para os momentos, esse olhar para as relações de trabalho, esse olhas para as relações com as famílias, realmente é a organização do trabalho, é todos os setores, não só o pedagógico, da gestão, pois</p>	<p>limites estão concentrados, ainda na forma como é manipulada, pois esses instrumentos e conteúdos continuam sendo ferramentas de poucos e eles precisam ser distribuídos de forma mais equânime para todas as famílias, todos os alunos e alunas”.</p> <p>T: “Os limites eu acho que é o acesso. Porque é essa utilização das tecnologias no ensino remoto, mesclando com o ensino presencial, enfim manter esse tipo de ensino que a gente teve que se adaptar é preciso que, os municípios, as cidades, as famílias, tenham acesso as tecnologias. A desigualdade social é muito gritante e as políticas públicas precisam ser repensadas, no sentido de tentar tornar, mais equânime esse acesso às tecnologias e aos ambientes virtuais”.</p> <p>V: “A gente precisa ver e rever é essa questão das tecnologias na educação. Primeiro saber do que se trata e não creio que as tecnologias substituam a avaliação humana em hipótese alguma. As tecnologias têm que ser tratadas como mais uma ferramenta, assim como um lápis, um livro, mas ela não substitui o humano em hipótese alguma. A gente avançou a pulso, por conta da pandemia e integrar isso nesse cotidiano, acho que é o desafio realmente institucional. Acredito que devemos trazer as tecnologias digitais para dentro da escola como aliadas e não uma substituição. Acho que esse é o desafio”.</p>
--	---	--

	<p>nós não somos os mesmos depois dos pós pandemia. Acho que a gente precisa chegar naqueles que mais necessitam por tudo que a pandemia causou, seja pela perda, seja pela não memória pedagógica, seja por várias situações. E no âmbito das políticas mais gerais, é preciso realmente compreender esse fenômeno da pandemia, como algo que precisa ser reestruturado todo processo de educação, todo um projeto de educação. De fato, precisa ser pensado tanto na microestrutura quanto na macroestrutura. Nós não podemos pensar o macro sem pensar no micro e vice-versa. Precisamos de políticas e práticas pedagógicas que nos ajudem a sobreviver, a conduzir nosso planejamento neste novo cenário”.</p>	
--	---	--

Fonte: Por elaboração própria (2024).

4 DISCUSSÃO

Em 2017, três anos antes da pandemia da COVID-19, a empresa *Dell Technologies* emitiu um relatório sobre o impacto que teria as tecnologias no mundo em 2023. Esse estudo permitiu, a partir de uma projeção do que já existia, reconhecer as prováveis implicações desse porvir tecnológico em todas as áreas da vida humana. Para o campo educacional, esse informe apresentou a expectativa de um número maior de inovações educacionais estimuladas pelo avanço tecnológico e maiores possibilidade de aprendizagem por *e-learning* e apontou a necessidade de modernização de sistemas de avaliação e de metodologias de ensino para este contexto futuro.

O estudo também apontava a necessidade de a instituição escolar incluir os docentes dentro de programas de atualização tecnológica de forma urgente, em programas de formação e capacitação continuada em tecnologias digitais para uso pedagógico, de maneira que possam acompanhar o avanço exponencial e as novidades do sistema e das tecnologias digitais. De acordo com Sandel (2007, p. 14), é necessário “pôr os meios digitais à serviço da educação, permitindo que se reflita sobre eles, analisar no coletivo que meios são úteis ou não à escola e até onde podem contribuir”.

Em pleno 2020, a maioria do corpo docente de um Colégio de Aplicação de uma instituição federal de ensino, sequer conhecia o Google Classroom, imagina metodologias como *Flipped Classroom* (Sala de Aula Invertida) ou Aprendizagem por *m-learning* e videoconferência.

Os trechos das entrevistas semiestruturadas expressaram os enormes desafios enfrentados pelos docentes no gerenciamento das “novas” plataformas de ensino, considerando que não houve tempo destinado à capacitação para o uso destas tecnologias. O que aconteceu, de fato, foi a necessidade de os professores(as) trocarem o quadro pela tela digital, sem que suas estratégias pedagógicas tenham passado por um processo de inovação (PÉREZ, 2020).

Sobre este aspecto, Lino *et al.* (2020) considera necessário que os sistemas públicos de ensino montem, de imediato e de forma sistemática, planos de recondução dos projetos curriculares e de formação de professores(as) para adequação às necessidades do contexto pós-pandêmico, de maneira que as crianças, adolescentes e jovens tenham o direito à educação garantido e, que, tampouco, tenha “confiscado” o direito de recompor suas aprendizagens.

Sobre a recomposição de aprendizagens, como foi indicado na fala dos docentes entrevistados, o processo de alfabetização e letramento foi bastante afetado no período de pandemia (anos 2020 e 2021), sendo necessária a implementação de programas de recomposição de aprendizagens (reforço) para as crianças com dificuldades no reconhecimento de letras, sons e decodificação.

A pandemia destacou a necessidade de inovação educacional na escola como um todo, incentivando a exploração de novos métodos de ensino, como o ensino híbrido e o aprendizado *on-line* para garantir a continuidade do ensino-aprendizagem mesmo à distância (IBÁÑEZ, 2020). Além disso, a comunicação entre os pares, a colaboração entre os docentes, a troca de ideias e a resolução de problemas em conjunto foram essenciais para superar desafios.

A gestão escolar deve ser adaptável e sensível às mudanças nas necessidades dos alunos/as, na sociedade e no ambiente global. Ela desempenha um papel crítico na garantia de que a educação seja eficaz, equitativa e capaz de atender aos desafios emergentes. A avaliação regular dos processos de gestão e planejamento são importantes para identificar áreas de melhoria e ajustar as estratégias conforme necessário.

5 CONCLUSÃO

Desenvolver esta pesquisa no âmbito do Colégio de Aplicação significou encontrar-se coletivamente para compartilhar experiências e conhecimentos; uma experiência de contato com o outro e de criação coletiva, em que pudemos partilhar processos e resultados, vivenciar e definir conceitos inseridos em novos paradigmas que refletissem as problemáticas atuais e necessárias para a escola. Neste sentido, as relações estabelecidas, as práticas pedagógicas envolvidas, interações, relações de poder, subjetividades, afetividades, cultura, sensibilidades, normas institucionais, memória, conhecimento, etc., tudo isso é Educação Básica, é fazer educação de qualidade.

Assim, os conceitos e concepções apresentados nessa pesquisa e as categorias de análise, além de nos ajudar a encontrar respostas às diversas questões estabelecidas e a compreender melhor nosso objeto de estudo, reforçaram a premissa de que a escola como organização aprendente é aquela que gera conhecimento sobre si mesma, considerando suas especificidades e suas realidades. Sobretudo, é uma escola que se conduz de forma reflexiva e aprendente, visando sua autonomia, sendo capaz de se desenvolver e realizar ações inovadoras (VELLENICH *et al.*, 2017).

Através das entrevistas semiestruturadas, realizadas com os docentes e representação da equipe técnico-pedagógica, pudemos conhecer e descrever as diferentes estratégias pedagógicas utilizadas pelos docentes da EEBAS/UFPB na condução das aulas síncronas e assíncronas durante o período de ensino remoto e identificar as fortalezas e as fragilidades do processo de implementação de modelos de ensino remoto no território da EEBAS/UFPB, considerando os processos de aprendizagens nesta organização aprendente.

Sendo assim, ficou evidente, em todas as falas dos entrevistados, seja de forma implícita ou explícita, que a educação, obviamente, não deve se dissociar da concepção de escola digital e do fato de que os alunos(as) já são cidadãos digitais e que vivem nesta nova sociedade do conhecimento. A pandemia veio revelar a necessidade de mudanças rígidas e rápidas em relação ao tempo e à disposição espacial das organizações educacionais tal como conhecíamos.

A nova realidade depois da pandemia requer o uso mais cotidiano das tecnologias digitais, implementação de políticas de formação docente voltadas à alfabetização digital (MIGUEL, 2023; FLEER, 2016) e às metodologias ativas de ensino, sempre mediadas pelas tecnologias digitais. Além disso, o grande desafio não é somente adotar as tecnologias digitais na vida cotidiana da escola, mas promover a interação humana, a sociabilidade e a colaboração na direção de se criar cenários educativos inovadores.

E para que servirá a escola na sociedade no pós-pandemia? Estamos ante a oportunidade de modificar práticas e redefinir nossas propostas curriculares, ante a necessidade de reinvenção de nossa carreira docente. Os novos docentes provêm de gerações digitais, superar um ensino preferencialmente transmissível requer, tanto a transformação de um professorado que terá que incorporar competências digitais ao trabalho docente, além de motivação e criatividade, como também a implementação de projetos educativos coletivos inovadores que avancem em direção a novas formas de ensinar, aprender e avaliar (CASTAÑEDA, SALINAS e ADELL, 2020).

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M. *Etnografía y observación participante en investigación cualitativa*. Madrid: Morata. 2012.
- BARTOLOMÉ, A.; GARCÍA-RUIZ, R.; AGUADED, I. Blended learning: panorama y perspectivas. *RIED. Revista Iberoamericana de Educación a Distancia*, n. 21, v.1, p. 33-56, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5944/ried.21.1.18842>. Acesso em 13 jun. 2021.
- BRASIL. Portaria nº 343/2020. Substituição das aulas presenciais por aulas em meio digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus-COVID-19. MEC: Brasília. 2020a. Disponível em: <https://bit.ly/3kdLCFd>. Acesso em 14 abr. 2021.
- CASTAÑEDA, L.; SALINAS, J; ADELL, J. Hacia una visión contemporánea de la Tecnología Educativa. *Digital Education Review*, 37, 240-268. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/der/%20article/view/30136>. Acesso em 24 ago. 2022.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Manual de investigación cualitativa*. Barcelona: Gedisa. 2012.
- FARDOUN, H.; GONZÁLEZ, C.; COLLAZOS, C. A.; YOUSEF, M. Estudio exploratorio en Iberoamérica sobre procesos de enseñanza-aprendizaje y propuesta de evaluación en tiempos de pandemia. *Ediciones Universidad de Salamanca*. 21 (2020). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7492330>. Acesso em out./2020.
- FLEER, M. *Technologies for children* Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- FULLAN. M.; HARGREAVES, A. *A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade*. 2. ed. Porto Alegre: Editora ARTMED. 2000.
- GARCÍA-PENALVO, F. J., et al. La evaluación online en la educación superior en tiempos de la COVID-19. *Education in the Knowledge Society*. 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7403962>. Acesso em nov. 2020.
- GARVIN, D. Crear una organización que aprende. In: ANDERSON, J. et al, *Harvard Business Review: Gestión del conocimiento*. Bilbao: Deusto. 2000.
- IBÁÑEZ, J. S. Educação em tempos de pandemia: tecnologias digitais na melhoria dos processos educacionais. *Revista Innovaciones Educativas* v. 22 / n. Especial, 2020
- KRIPPENDORFF, K. *Metodología de análisis de contenido: teoría y práctica*. Barcelona: Paidós Comunicación, 1997.
- KRIPPENDORFF, K. Reliability in content analysis. Some common misconceptions and recommendations. *Human Communication Research*, 30(3), 411-433. 2004. <https://www.doi.org/10.1111/j.1468-2958.2004.tb00738.x>
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; THOSCHI, M. S. *Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, J. F. L. A escola como organização aprendente e o processo de gestão na educação básica. In: X Congresso Nacional de Educação-EDUCERE. PUCPR. 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4193_3829.pdf Acesso em dez./2020.

MELLO, S. A.; FARIAS, M. A. A escola como lugar da cultura mais elaborada. Revista Educação. Revista do Centro de Educação UFSM, v. 35, n. 1, p. 53-67. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117116990005>. Acesso em 23 jun. 2021.

MIGUEL, C.C. Tecnologia na Educação Infantil: Letramento Digital e Computação desplugada. Caderno CEDES. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/CC271211>. Acesso em 04 jul. 2023.

MONDLANE, A. M.; LIASSE, O. D. S. A qualidade na educação: desafio das organizações aprendentes. Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH, v.1, n. 1 89-105. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3EFFcJ3>. Acesso em: 13 nov. 2021.

PÉREZ, C. E. El gran test de las clases “online”. La Tercera. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/elqzV>. Acesso em 21 mai. 2023.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; BAPTISTA-LUCIO, P. Metodologia da Pesquisa. 5. ed. México: Mc Graw Hill. 2015.

SANDEL, M. Contra la perfección. Marbot Ediciones. Buenos Aires. 2007.

SANTOS, B. S. A Cruel Pedagogia do Vírus. Coimbra: Edições Almedina. 2020.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. Educação na Pandemia: a falácia do ensino remoto. Brasília: Universidade e Sociedade. 2021.

SENGE, P. La quinta disciplina. Ed. Granica: Barcelona. 1992.

SOUSA, A. C.; MELO, C. T. P.; CARVALHO, M. E. P. O pleno direito à educação e os desafios docentes em tempos de pandemia no Brasil. Brazilian Journal of Development, [S. l.], v. 8, n. 8, p. 56662–56678, 2022. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n8-120>. Acesso em: 13 out. 2022.

SOUZA, E. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, Bahia, v. 17, n. 30, p. 110-118, julho-dez, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/ccsa.v17i30.7127>. Acesso em 23 nov. 2021.

TONUCCI, F. ¿Puede un virus favorecer una escuela mejor? Los cinco puntos. Aula de innovación educativa, Barcelona, n. 297, p. 21-26. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3grxqWa>. Acesso em: 25 nov. 2021.

TRUJILLO, F.; FERNÁNDEZ, M.; SEGURA, A.; JIMÉNEZ, M. Escenarios de evaluación en el contexto de la pandemia por la covid-19: la opinión del profesorado. Santillana LAB, 2020. 37p. Disponível em: https://www.observatoriodelainfancia.es/oia/esp/documentos_ficha.aspx?id=7074 Acesso em 14 dez. 2021.

UNESCO. How many children and young people have internet access at home? Estimating digital connectivity during the COVID-19 pandemic. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3tAkQtr>. Acesso em 14 dez. 2021.

UNICEF. Save The Children, INEE, PLAN, H&I, FCA. 2020. Learning must go on. Recommendations for keeping children safe and learning, during and after the COVID-19 crisis. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3jl0O0Y>. Acesso em 23 nov. 2021.

VELLENICH, A. M; FERREIRA, A.; MARCONDES, N.; CASTRO, M. Comunidade aprendente: a escola como *locus* de formação e desenvolvimento do professor. EccoS Revista Científica, núm. 42, pp. 161-176, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n42.3942>. Acesso em 04 dez. 2021.